

4

“Rosto da Europa”

A viagem não acaba nunca, só os viajantes acabam. E mesmo estes poderão prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. O fim de uma viagem é sempre o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, o sol onde primeiramente a chuva caíra, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que ali não estava.

José Saramago ¹⁶

O romance português contemporâneo tende a olhar o seu espaço como uma escrita da terra, isto é, pátria e história, tornando-se, assim, um campo fértil a ser cultivado por diversos autores da literatura portuguesa. No romance **A Jangada de Pedra**, José Saramago semeia o amor, a liberdade e a esperança no futuro, com uma proposta que parte do hiato entre a Península Ibérica e a Europa, e que objetiva lançar interrogações quanto à identidade dos povos ibéricos, no sentido de encontrar um lugar de afirmação no cenário europeu. Assim, a identidade destes peninsulares é posta em xeque e está relacionada à opção de adesão ou recusa à Unidade Européia. O narrador nos alerta para o caráter de parábola que permeia o romance, ao dizer que “as pessoas nem sempre estão atentas aos sinais” ou ainda que “uma viagem não tem outro sentido que acabar-se” (AJP, p.155).

O texto ficcional conduz ao reconhecimento e à conquista da própria terra, no sentido de recuperar, em especial, a imagem da nação portuguesa, que oscila entre a de um povo eleito e detentor de um grandioso império e a de um país em derrocada, como já o afirmava Antero em “Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos”. Além disso, acolhe a tradição literária, mas apontando não somente as virtudes ou as glórias da nação portuguesa, mas revelando silêncios ou vazios decorrentes de seus “traumas” históricos. Para Seixo,

É como se tivesse passado a ter sentido *escrever a terra* em vez de *escrever sobre a terra* [...] Escrever a terra e fazer sentir que entre a história que o romance conta e a personagem que a vive há uma

¹⁶ SARAMAGO, J. (1984) **Viagem a Portugal**.

entidade-suporte (essa mesma terra) que dá o sentido da pulsação da personagem na história (Seixo, 1986:73).

A barca mítica faz, simultaneamente, uma viagem para fora da Europa e outra para dentro da própria Península. Ambos os países peninsulares desejam, mas também receiam a separação da Europa. No momento em que esta “Jangada” recusa a Europa e procura na periferia uma alternativa para o dilema desses povos, a ficção tende a abordar a diversidade: entre a Península e a Europa; entre Portugal e Espanha e até mesmo a de uma Espanha unificada, com suas próprias contradições, porque espaço de convivência entre catalães, bascos, galegos e castelhanos.

Eduardo Lourenço tem revelado uma preocupação constante, concernente à imagem dos portugueses: “O momento parece propício não apenas para um exame de consciência nacional que raras vezes tivemos ocasião de fazer, mas para um reajustamento, tanto quanto possível realista, do nosso ser real à visão do nosso ser ideal.” (Lourenço, 1992:47). Ao explicitar os traumas vivenciados pela nação – o nascimento, o domínio espanhol, o *Ultimatum* inglês e a perda das colônias em África –, salienta a grandeza e a pequenez inerentes ao imaginário lusitano, que tem origem na fixação obsessiva dos portugueses numa imagem irreal de si mesmos, criada a partir de uma idéia de grandeza de caráter fictício:

Acontece, todavia, que mesmo na hora solar da nossa afirmação histórica, essa grandeza era, concretamente, *uma ficção*. Nós éramos grandes, dessa grandeza que os outros percebem de fora e por isso integra ou representa a mais vasta consciência da aventura humana, mas éramos grandes *longe*, fora de nós, no Oriente de sonho ou num Ocidente impensado ainda. A Europa via-nos mais (como dignos de ser vistos) que nos veria depois, mas via-nos menos do que se via a si mesma entretida nas celebrações sumptuosas ou fúnebres de querelas de família com que liquidava o feudalismo e gerava o mundo moderno (capitalismo, protestantismo, ciência). (Lourenço, 1992:19-20)

No romance, há um diálogo sustentado a partir da seguinte sentença: “a situação é estranha, vivemos como se tivéssemos escolhido ser pobres” (AJP, p.261). A proposição se refere a uma discussão entre as personagens itinerantes que avaliam sua trajetória no adiantado da caminhada e, sobretudo, as condições em que se encontram naquele momento, porque

acreditam que este novo papel que desempenham na jangada não seja decorrente de uma escolha, mas sim devido às circunstâncias (ao menos, àquelas que serviam aos seus interesses pessoais). De início, a partir da ruptura nos Pirenéus, o narrador nos avisa que “os problemas da nossa comunicação com a Europa, já historicamente tão complexos, irão tornar-se explosivos” (AJP, p.44), porém, a jangada perfaz o mesmo caminho da personagem Joana Carda que “está a aprender para o futuro, que é o lugar único onde se podem emendar erros. (AJP, pp.263-264).

Recorremos ao discurso de Antero, que previne: se portugueses e espanhóis não reconhecerem os erros passados, como aspirar a uma emenda definitiva? Argumenta que a “nossa fatalidade é a nossa história” (Antero:1942, 140), o que nos leva a refletir que o ponto de vista de algumas personagens do romance – no que se refere aos erros do passado – está relacionado aos posicionamentos dos países ibéricos na história. Mas na ficção o diálogo prossegue com as vozes de outras personagens do grupo, que nos permitem distinguir a ligação estabelecida entre os indivíduos e a pátria, concluindo que as ações dos homens e os erros por eles cometidos causam um maior efeito na sociedade em que vivem do que propriamente em si mesmos.

Maria Guavaira estivera a ouvir, calada, agora dizia como quem começa do princípio uma nova conversa, talvez não tivesse compreendido bem o que os outros disseram, As pessoas nascem todos os dias, só delas é que depende continuarem a viver o dia de ontem ou começarem de raiz e de berço o dia novo, hoje, Mas há a experiência, tudo quanto viemos aprendendo, lembrou Pedro Orce, Sim, tens razão, disse José Anaíço, mas a vida fazemo-la geralmente como se não tivéssemos nenhuma experiência anterior, ou servimo-nos apenas daquela sua parte que nos permite insistir em erros, alegando explicações e lições da experiência, e agora ocorre-me uma ideia que talvez vos pareça absurda, um contra-senso, que talvez o efeito da experiência seja muito maior no conjunto da sociedade do que em cada um dos seus membros, a sociedade aproveita a experiência de todos, mas nenhuma pessoa quer, sabe ou pode aproveitar por inteiro a sua própria experiência (AJP, p.261).

No século XVI, poetas cantavam os varões heróicos e a glória lusitana, no século XIX, os românticos viviam presos às lembranças do esplendor do passado, caracterizando dessa maneira o apelo à dicotomia terra e mar. No século XX, o romance contemporâneo pretende privilegiar a terra, mas

José Saramago nos surpreende, criando, com a proposta de ruptura e deriva de **A Jangada de Pedra**, uma narrativa que contempla uma navegação nunca antes experimentada, para o interior do país e para o espírito das personagens, com a esperança de, no futuro, encontrar um lugar para ancorar sua gente, restaurando a própria imagem de Portugal diante de si, da Europa e do mundo. Ao longo da viagem, torna-se flagrante o sentimento insular que impregna os povos peninsulares:

Uma pessoa habitua-se a tudo, os povos ainda com mais facilidade e rapidez, afinal é como se agora viajássemos num imenso barco, tão grande que até seria possível viver nele o resto da vida sem lhe ver proa ou popa, barco não era a península quando ainda estava agarrada à Europa e já muita era a gente que de terras só conhecia aquela em que nascera, digam-me então, por favor, onde está a diferença. (AJP, pp.139-140).

Em célebre conferência, Antero de Quental (1942) aponta a decadência dos povos peninsulares como um dos fatos mais incontestáveis e evidentes de sua história, e diz também que a passagem do período de glória à decadência aconteceu “quasi sem transição” (Antero, 1942:96). Alega em seu pronunciamento que “Há em nós todos [peninsulares] uma voz íntima que protesta em favor do passado quando alguém o ataca: a razão póde condemná-lo: o coração tenta ainda absolvel-o” (Antero:1942:96), isto é o que chama de “ilusões”, porque este pensamento leva apenas esses povos a um estado decadente, sobretudo, nos séculos XVII, XVIII e XIX (contrastando tal abatimento, por exemplo, com a sua grandeza na Renascença). Ao intitular-se um *historiador filósofo*, afirmou a necessidade de reconhecimento dos erros cometidos e da revisão do passado, visando à emenda e à regeneração. Por isso, apela para uma fraternidade moral, “fundada na mútua tolerância e no mútuo respeito, que une todos os espíritos numa mesma comunhão – o amor e a procura desinteressada da verdade.” (Antero, 1942:97). Segundo Antero, a influência inglesa, com seus tratados “cavilosos”, fez de Portugal uma espécie de colônia britânica (Antero, 1942:105).

O rompimento com o passado é a solução apresentada por Antero, argumentando que as causas desta decadência podem ser encontradas em três fenômenos capitais de diferentes espécies: moral, política e econômica.

O primeiro, o Catolicismo posterior ao Concílio de Trento, que desvirtuou a essência do Cristianismo e atrofiou a consciência individual; o segundo, o Absolutismo, que restringiu as liberdades nacionais e condenou os povos ibéricos à submissão; e o terceiro, as conquistas ultramarinas, que tinham esgotado as reservas do país e criado hábitos de ociosidade e grandeza. Diante da constatação destes males, Antero propõe as seguintes estratégias que devem opor: ao catolicismo, a consciência livre, a ciência, a filosofia, a crença na renovação da Humanidade; à monarquia absoluta, a federação republicana com a democratização da vida municipal; à *inércia industrial* (Antero, 1942:141), a iniciativa do trabalho livre, não dirigida e protegida pelo Estado, nem entregue à concorrência desmedida, mas organizada de maneira espontânea e solidária.

Neste romance de José Saramago, o primeiro-ministro fala aos portugueses sobre as pressões sofridas pelo país em virtude da alteração da ordem pública em diversos países da Europa, decorrente dos movimentos sociais e culturais promovidos por aqueles que quiseram exprimir a sua solidariedade com os povos da península diante do seu desprendimento da Europa. A frase “Nós somos ibéricos” aparece, repentinamente, como um emblema nas fachadas dos edifícios, no asfalto, nas pontes e viadutos, inscrita pelas massas de manifestantes que “vêm na aventura histórica em que nos achamos lançados a promessa de um futuro mais feliz e, para tudo dizer em poucas palavras, a esperança de um rejuvenescimento da humanidade.” (AJP, p.169) O narrador informa que o acontecimento tomou proporções inesperadas, e que o auge ou o “acme” (AJP, p.163)

[...] foi quando nos muros do Vaticano, pelas veneráveis paredes e colunas da basílica, no soco da Pietà de Miguel Ângelo, na cúpula, em enormes letras azul-celestes no chão da Praça de São Pedro, a mesmíssima frase apareceu em latim, Nos quoque iberi sumus, como uma sentença divina no majestático plural, um manetecelfares das novas eras, e o papa, à janela dos seus aposentos, benzia-se de puro espanto, fazia para o espaço o sinal da cruz, inutilmente, que esta tinta é das firmes, dez congregações inteiras não bastarão, armadas de palha-d’ação, lixívia, pedra-pomes e raspadeiras, com reforço de diluentes, vão ter aqui trabalho até ao próximo concílio. (AJP, p.163)

Na ocasião do discurso do primeiro-ministro, os governos da Europa exigiam que os ibéricos detivessem a península, o que se tornou, para eles, uma grave contradição, porque, segundo o chefe de Estado, “os governos

européus, que no passado nunca verdadeiramente mostraram querer-nos consigo, vêm agora intimar-nos a fazer o que no fundo não desejam e, ainda por cima, sabem não nos ser possível. (AJP, p.170) Afinal, a esta altura, os povos peninsulares já não pertenciam à Europa.

4.1

“No Xadrez Mundial Moveu-se Uma Pedra”

“Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?”
Fernando Pessoa ¹⁷

Maria Alzira Seixo, em estudo intitulado “Lugar e deslocação em José Saramago” afirma que o romance da segunda metade do século XX, tem, geralmente, desenvolvido uma série de temas e de processos discursivos marcados por uma “problemática do lugar” (Seixo, 1999:139). Observamos que a reflexão dos discursos sobre o tempo vem acentuando a investigação do lugar, no que concerne à sua determinação ou busca, sob o ponto de vista antropológico. A obra de José Saramago demonstra uma permanente preocupação com lugar e deslocação, ou com a busca e construção do lugar. Aliás, desde o livro **Provavelmente alegria**, já encontrávamos um poema expressivo sobre esta relação entre tempo e espaço:

Quem diz tempo diz lugar
Dizer hoje é o mesmo que
Dizer aqui onde estamos
Onde o porquê é porque

Por isso eu hoje antecipo
Mar fundo futuro monte
No ponto do amanhã
A hora do horizonte

Esta certeza me vem
Da incerteza dos passos
Dos descompassos do tempo
Dos braços noutros abraços

¹⁷ PESSOA, F. (1980) **Mensagem**.

Porque o tempo e o lugar
 Não eram ontem então
 Eram circuitos em volta
 E fusos de confusão

Mesmo o aqui deste agora
 É por enquanto a parcela
 Do lugar certo e da hora
 Que no lugar se revela

Por isso eu hoje antecipo
 Mar fundo futuro monte
 A hora do amanhã
 No ponto do horizonte.

A partir desta leitura, salientamos que no romance em análise o paradigma do lugar permanece, porque a hora, isto é, o momento da ruptura nos Pirenéus, “no lugar se revela”; a certeza deste entrelaçamento de tempo e espaço se comprova com a “incerteza dos passos”, através da deriva das personagens do romance. Portanto, a epifania do tempo se dá mediante a existência do espaço, pois que, no instante em que a península se move e experimenta as suas forças, transforma-se no lugar de construção de um novo espaço para os povos ibéricos, agora uma ilha em deslocação, “barca que se afasta do porto e aponta ao mar outra vez desconhecido.” (AJP, p.45)

Na escrita de José Saramago, verificamos que a problemática do lugar se manifesta, primeiramente, na poesia; em seguida, se desenvolve na crônica, juntamente com o tema da viagem, mas é no romance que o autor vai aprofundar esta questão. No romance **A Jangada de Pedra**, o entrelaçamento do tempo com o espaço envolve os seres (o homem, o cão e dois cavalos) num percurso pela terra, lugar de desencontros sociais e de todas as diversidades – cultural, política e econômica –, mas também lugar de encontros desta mesma terra (com a América Latina e com a África) e também das personagens sensíveis consigo mesmas e com os seus pares.

A flutuação e o deslocamento da península, assim como a caminhada e a errância das personagens assinalam o caráter alegórico da narrativa. E diante desta proposta mágica – de navegar uma jangada de pedra – voltamos a examinar o elemento contrastante com a leveza da jangada, a pedra (e, por conseguinte, sua relação estrita com o homem ao longo da história). Na escritura de Saramago, o tema da pedra também se originou na poesia, em

Provavelmente alegria, e depois o encontramos em alguns de seus romances, como por exemplo, em **Memorial do Convento**, em **História do Cerco de Lisboa** e em **Todos os nomes**. No romance **A Jangada de Pedra**, Joana Carda risca o chão, ou seja, a pedra; Joaquim Sassa atira uma pedra ao mar, “porque ao mar o que ao mar pertence, a terra que fique com a terra” (**AJP**, p.12). Mas como “toda regra leva as suas exceções” (**AJP**, p.12), existe um barco de pedra nas terras da camponesa Maria Guavaira; e Pedro Orce (cujo nome significa pedra), é um homem nascido em terras inóspitas, em Venta Micena, região conhecida por guardar o crânio do europeu mais antigo de que há registro.

Pedro Orce é quem propõe aos companheiros caminhantes assistir à passagem do Estreito de Gibraltar, antes chamado Calpe pelos fenícios, uma das Colunas de Hércules. A cidade de Gibraltar é território britânico, mas se encontra agarrada à Espanha, que reivindica a posse do rochedo e mantém negociações intermitentes com o Reino Unido acerca da sua soberania. Uma força Anglo-Holandesa se apoderou de Gibraltar em 1704 e seu território foi “cedido” à Grã-Bretanha pela Espanha. O Estreito é a única saída do Mar Mediterrâneo para o Oceano Atlântico e popularmente é chamado de “Gib” ou “The Rock” (A Rocha), decorrente da semelhança a um promontório.

E se fôssemos à costa ver passar o rochedo. Parece isto um absurdo, um contra-sentido, mas não é, também quando vamos de comboio julgamos ver passarem árvores que estão agarradas à terra pelas raízes, agora não viajamos de comboio, vamos mais devagar em cima duma jangada de pedra que navega no mar, sem prisões, a diferença só é a que existe entre o sólido e o líquido. (**AJP**, pp. 84-85) [...] Dois cavalos apontou finalmente em direção ao sul [...] à sua frente avança, devagar, uma fila que não acaba (**AJP**, 87) [...] e nem vale a pena perguntar-lhes para onde é a ida, não precisam chamar-se Pedro Orce para terem o mesmo pensamento e desejo de ver passar Gibraltar ao longe desgarrado, basta ser espanhol, e aqui há muitos. Vêm de Córdoba, de Linares, [...] de toda a parte parece terem despachado delegações, estas pessoas têm sido muito pacientes, desde mil setecentos e quatro, deitem-lhe as contas, se Gibraltar não for para nós, que nos fazemos ao mar, não seja também para os ingleses (**AJP**, p. 88).

A separação de Gibraltar da Península Ibérica ganha destaque na narrativa, em virtude das “negociações” historicamente mantidas entre a Inglaterra e os povos peninsulares. Resta, portanto, uma mágoa, tanto de portugueses quanto de espanhóis, para com uma nação que só obteve lucro com

o comércio e a expansão marítima, incluindo os tratados firmados com Espanha e Portugal. A perda de Gibraltar representa para a Espanha (guardando as suas especificidades) o mesmo que o *Ultimatum* de 1890 para Portugal, em virtude da humilhação por ele sofrida diante da Europa. Segundo Lourenço: “O *Ultimatum* não foi apenas uma peripécia particularmente escandalosa das contradições do imperialismo europeu, foi o *traumatismo-resumo* de um século de existência nacional traumatizada.” (Lourenço, 1992:25)

Ao longo do percurso das personagens, as notícias sobre os acontecimentos ocorridos na Península vão sendo obtidas principalmente via rádio ou televisão. No ecrã, via-se o canal assustador, uma “garganta hiante” (AJP, p.57), e no céu mal se via um “fiozinho azul” (AJP, p. 57):

Joaquim Sassa pedia-lhe que se calasse, queria ouvir o locutor, e valia a pena, Segundo informações agora mesmo chegadas à nossa redacção, apareceu uma grande fenda entre La Línea e Gibraltar, razão por que já se prevê, tendo em conta a conseqüência até agora irreversível das fraturas, que El Peñon venha a ficar isolado no meio do mar, se tal vier a acontecer não lancemos as culpas aos britânicos, culpa, sim, temo-la nós, tem-na Espanha, que não soube recuperar, a tempo, esse pedaço sagrado da pátria, agora é tarde, ele mesmo nos abandona, [...] Ainda não foi desta vez que se acabou o império britânico, disse José Anaíço. (AJP, p.48)

[...] Gibraltar, nas novas condições geoestratégicas, continuará a ser uma das jóias da coroa de sua majestade britânica, fórmula que, como a Magna Carta, tem a virtude magna de satisfazer toda gente, este remate irónico foi da responsabilidade do locutor, que se despediu (AJP, p.49)

[...] Ligaram a televisão, agora as notícias são dadas de hora a hora, e viram Gibraltar, não apenas separado da Espanha, mas dela afastado já uns bons quilómetros, como uma ilha ao desamparo no meio das águas, transformado, ai dele, em pico, pão-de-açúcar ou arrecife, com os seus mil canhões sem préstimo nem alvo (AJP, p.92)

Estes viajantes acompanham as imagens da televisão e vêem fotografias impressionantes, tiradas de satélite, que mostram um progressivo alargamento do canal entre a península ibérica e a França. Nesta “passagem” de Gibraltar, percebemos claramente ecos da poesia camoniana, do mito português do Adamastor, que aqui associamos ao referido Estreito. No rastro da tradição da epopéia clássica, com a intenção de conciliar mito e história, Camões, em **Os Lusíadas**, introduz a mitologia como elemento de ligação entre a história de Portugal e a narrativa da viagem. Está presente nas intervenções dos deuses, nas

invocações às Musas, nos episódios simbólicos e na Ilha dos Amores. O Gigante Adamastor, uma criação do Poeta, é um complexo mito de metamorfose que possui diversas conotações, sendo uma das mais importantes a barreira do conhecimento a ameaçar o homem a fim de impedi-lo de ultrapassar os seus limites.

No poema, Vasco da Gama é o primeiro a transpor o “nunca visto Promontório” (**Lus.**, V, 50) e, segundo Cleonice Berardinelli: “De mistura com o desejo de glória, com a ambição, legítima ou não, de lucro e mando, ele traria o temor da grande aventura: o seu e o que lhe legara um longo passado trágico-marítimo. (Berardinelli, 2000:74) Assim, enquanto na epopéia camoniana a nau capitânia ultrapassa o Adamastor, na narrativa de Saramago, ao longo da costa, há milhares de pessoas, “porque aqui interessam-nos só as pessoas mais simples” (**AJP**, p.90), à espera da visão de Gibraltar e da conseqüente ultrapassagem. Mas Joaquim Sassa, José Anaiço e Pedro Orce avaliam se esperam ou não o rochedo, pois de acordo com os cálculos de José Anaiço, a península somente chegaria até Gibraltar ao final de dez dias. Pedro Orce toma a seguinte decisão: “Não, não vale a pena, [...] Vamo-nos embora, [...] Não é depois do sonho que o sonho pode ser vivido.” (**AJP**, p.91). No passado, a transposição do Adamastor tem o sabor da vitória e, no presente, a ultrapassagem de Gibraltar representa uma perda política para a Espanha, tratada com indiferença pelas personagens da ficção, que se constroem ao construírem um lugar utópico em sua terra.

O narrador ressalta que a bordo dos helicópteros, numa visão panorâmica, via-se a “gigantesca escarpa pirenáica” (**AJP**, p.93) e, como se fora um formigueiro de migrantes, o povo caminhava para o sul, somente para ver “Gibraltar ir de água abaixo, ilusão de óptica, que nós, sim, é que vamos indo na corrente” (**AJP**, p.93). As imagens de Portugal eram mostradas da costa do oceano Atlântico, onde a população fitava o horizonte, com “aquele trágico ademane de quem se preparou desde séculos para o ignoto e teme que afinal não venha, ou seja igual ao comum e banal que todas as horas trazem.” (**AJP**, p. 93) Estavam todos, como disse Unamuno, com “la cara morena entre ambas palmas, [...] [los] ojos donde el sol se acuesta solo en la mar inmensa” (**AJP**, p.93).

Lírico, arrebatado, o locutor espanhol declama, Vejam-se os portugueses, ao longo das suas douradas praias, proa da Europa que foram e deixaram de ser, porque do cais europeu nos desprendemos, mas novamente fendendo as ondas do Atlântico, que almirante nos guia, que porto nos espera, (AJP, pp.93-94)

Nesta “jangada de pedra”, “que almirante nos guia, que porto nos espera”? (AJP, p.94). Encontramos uma possível resposta no poema *Ah, um soneto...*, do poeta Álvaro de Campos, onde se revela um sujeito poético saudoso, como nos versos “Há saudades nas pernas e nos braços/ Há saudades no cérebro por fora”, assim como uma errância na própria casa: “Meu coração é um almirante louco/ Que abandonou a profissão do mar/ E que a vai relembrando pouco a pouco/ Em casa a passear, a passear...” (Pessoa, 1999:189). Neste movimento, “há um percurso duplamente inteligente, quer pela memória de um saber antigo, quer pelo desejo de deslocamento em direção a um modo outro de estar na História.” (Silveira, 2002:41). No fragmento a seguir, percebemos uma intertextualidade com Álvaro de Campos, pois o poeta utiliza a metáfora do almirante louco que abandona o mar para estar em casa, ou seja, na sua terra. Da mesma maneira, as personagens preferem a viagem na terra, optando pela construção do lugar:

Chegaram a Lisboa ao cair da tarde, na hora em que a suavidade do céu infunde nas almas um doce pungimento, agora se vê como tinha razão aquele admirável entendedor de sensações e impressões que afirmou ser a paisagem um estado de alma, o que ele não soube foi dizer-nos como seriam as vistas nos tempos em que não havia no mundo mais que pitecantropos, com pouca alma ainda, e, além de pouca, confusa. (AJP, p.109)

Na proposta desta viagem fabulosa, existe uma grande preocupação com o presente dos países ibéricos num momento crítico e decisivo perante a União Européia, o da inserção ou não desses povos naquela Comunidade, o que nos remete à questão sobre o rumo de Portugal – a Europa ou o Atlântico, já discutida por Barradas de Carvalho em ensaio onde previa as várias encruzilhadas a que o país haveria de chegar:

Para além de profundas reformas na sua estrutura econômica, social e política, Portugal terá, e a breve prazo, de escolher entre duas opções que dizem respeito à sua história, *a mais profunda*. Portugal terá de escolher entre a Europa e o Atlântico (Carvalho, 1974:77-78).

Na ficção, a Península Ibérica rompe todas as fronteiras ao deslocar-se para o oceano rumo aos países periféricos. O autor citado se pronunciou a favor do Atlântico, acreditando ser esta a única condição para que Portugal reencontrasse “a sua individualidade, a sua especificidade, a sua genuinidade, medievá e renascentista” (Carvalho, 1974:78-79). Propôs também a instituição de uma Comunidade Luso-Brasileira e à época vislumbrou a possibilidade da criação de uma Comunidade Luso-Afro-Brasileira (Carvalho, 1974:78-81).

Em um dado instante da narrativa, a Península ameaça a “ordem mundial” por afastar-se da costa americana, e os Estados Unidos vão posicionar-se como de costume, impondo-se de forma hegemônica. O narrador investe ironicamente contra a atitude demagógica do presidente americano e também contra uma suposta responsabilidade de “liberdade e paz” que aquele país deveria ao mundo:

O Presidente da América do Norte também falou ao mundo, disse que não obstante a mudança de rumo da península, em direção a um ignoto lugar ao Sul, nunca os Estados Unidos se demitiram das suas responsabilidades para com a civilização, a liberdade e a paz, mas que os povos peninsulares não podiam contar, agora que penetravam em áreas conflituais de influência, Não podem contar, repito, com uma ajuda igual àquela que estava à sua espera quando parecia que o seu futuro se tornaria indissociável da nação americana. (**AJP**, p.321) [...] Um dos conselheiros observou então que o novo rumo, vistas bem as coisas, não era assim tão mau. Eles estão a descer entre a África e a América Latina, senhor presidente, Sim, o rumo pode trazer benefícios, mas também pode agravar as indisciplinas da região, e talvez por causa desta lembrança irritante, o presidente deu um soco na mesa que fez saltar o sorridente retrato da primeira dama. Um conselheiro velho deu um salto de susto, passou os olhos em redor, e disse, Cuidado, senhor presidente, um soco assim, sabe-se lá que conseqüências poderá ter. (**AJP**, p. 322)

A península que seguia o seu destino parou o seu movimento de rotação e desce verticalmente em direção ao sul, posicionando-se entre a África e a América Central, “como deveria ter dito o conselheiro do presidente, e a sua forma, inesperadamente para quem ainda tiver nos olhos e no mapa a antiga posição, parece gêmea dos dois continentes que a ladeiam” (**AJP**, p.323). Logo em seguida, Pedro Orce sente que é chegada a hora de sua morte. Após uma longa aventura, a península pára e as personagens itinerantes fazem o caminho

de volta às suas respectivas terras, apenas Pedro Orce não retorna porque fez, nesta jangada, a sua última viagem.

Já não a sinto, a terra, já não a sinto, os olhos dele escureceram, uma nuvem cinzenta, cor de chumbo, passava no céu, devagar, muito devagar, Maria Guavaira com levíssimos dedos fez descer as pálpebras de Pedro Orce, disse, Está morto, foi então que o cão se aproximou e gritou, como se diz que uma pessoa uiva (**AJP**, p.327)

Nos diversos caminhos trilhados, houve uma convivência afetuosa entre o homem e o cão; este, no entanto, jamais tinha ladrado. Surpreendentemente, gritou como se fora um homem no exato instante em que a natureza chamou Pedro Orce. É, pois, na derradeira hora de Pedro Orce que aflora uma completa identificação do homem com o animal.

4.2 “O clamor surdo do mar”

Falo do tempo e de pedras, e, contudo, é em homens que penso. Porque são eles a verdadeira matéria do tempo [...] Porque são eles a paciente coragem, e a longa espera, e o esforço sem limites, a dor aceite e recusada.

José Saramago¹⁸

Em seu primeiro livro de crônica – **Deste Mundo e do Outro** – Saramago apresenta uma possibilidade em direção a universos distintos, através da viagem, que é percurso do espaço, jornada no tempo e construção do homem. Vejamos este pequeno excerto: “Deito-me ao comprido do barco que a corrente leva e vejo passar ramos verdes, brancas nuvens, céus de azul e pérola, aves prodigiosas. Cai sobre mim uma funda e dolorosa alegria.” (**DMO**, p.232) No livro seguinte, **A Bagagem do Viajante**, o tema é o mesmo: a viagem literal ou alegórica. Neste último, nos atemos a uma crônica de cunho social intitulada “E agora, José?” cujo verso é aqui retomado para falar do tempo e da vida de “José” anônimos que andam pelo mundo, pessoas que enfrentam desencontros

¹⁸ SARAMAGO, J. (1986) **Deste mundo e do outro**: “O tempo e a paciência”.

e acidentes, que vivem entregues à própria sorte, porque são aquelas que “não têm nada nem ninguém a seu favor” (ABV, p. 33). Ao final da crônica, emergem imagens que vertem poesia, captadas através de um olhar fixo no Tejo, nos barcos vagarosos, nas pessoas e na aparência pacífica das coisas. Saramago pensa na vida e no contingente, que se põe a par dos conflitos humanos, concluindo com o célebre verso de Drummond:

Escrevo estas palavras num fim de tarde cor de madrugada com espumas no céu, tendo diante dos olhos uma nesga do Tejo, onde há barcos vagarosos que vão de margem a margem levando pessoas e recados. E tudo isto parece pacífico e harmonioso como os dois pombos que pousam na varanda e sussurram confidencialmente. Ah, esta vida preciosa que vai fugindo, tarde mansa que não será igual amanhã, que não serás, sobretudo, o que agora és. [...] “E agora, José?” (ABV, pp. 34-35).

É esta a pergunta que fica latente, ao final da instigante leitura do romance **A Jangada de Pedra**, referente à sorte das personagens sensíveis e extraordinárias, dos casais formados no decorrer da viagem, de Pedro Orce e do cão. A narrativa deixa em aberto o regresso de Joana Carda, José Anaiço, Joaquim Sassa e Maria Guavaira, mas tudo indica que as personagens voltarão unidas, em pares, garantindo, assim, o triunfo do amor e da solidariedade entre os povos ibéricos. Mas, e quanto a Pedro Orce e o cão?

Concentramos em Pedro Orce nossas últimas reflexões acerca da narrativa, enfatizando o seu poder de sentir o tremor da terra e, sobretudo, suas mais valiosas qualidades: a sensibilidade e a sabedoria. Vimos como Pedro Orce propôs a ida ao rochedo Gibraltar e prontamente foram todos “como crianças deixadas à solta da liberdade descem a encosta a correr, e riem.” (AJP, p.85) Portanto, demonstra ser um homem com capacidade de articulação, porque toma a decisão desta façanha e é seguido pelos companheiros de viagem, denotando, assim, uma mudança no “movimento circular” de suas vidas:

Quantas vezes, para mudar a vida, precisamos da vida inteira, pensamos tanto, tomamos balanço e hesitamos, depois voltamos ao princípio, tornamos a pensar e a pensar, deslocamo-nos nas calhas do tempo com um movimento circular, como os espojinhos que atravessam o campo levantando poeira, folhas secas, insignificâncias, que para mais não lhe chegam as forças, bem melhor seria vivermos em terra de tufões. Outras vezes uma palavra é quanto basta.” (AJP, p.85)

Retornamos a um instante da narrativa em que os dois cavaleiros andantes desta aventura, Joaquim Sassa e José Anaiço, foram ao encontro de Pedro Orce, quando ficaram sabendo da existência do Homem de Orce, o primeiro homem da Europa:

Em Orce, encontraram os viajantes a Pedro Orce, de profissão farmacêutica, mais velho do que a imaginação lhes representara, se em tal pensaram, porém nem tanto quanto o seu milionário antepassado, supondo que não é incorrecto usar medidas geralmente de dinheiro em aferições de tempo, tendo em conta que um não compra o outro e este altera o valor daquele. (AJP, p. 81-82)

José Anaiço comenta com os companheiros, em Orce, que “estes lugares são de meter medo” (AJP, p.83), ao que Pedro Orce assente e complementa: “Em Venta Micena é bem pior, foi lá que eu nasci” (AJP, p. 83). A referência a estas terras como a “morada do inferno” (AJP, p.81) pode comprovar o carácter destemido de Pedro Orce, e a alusão às estações do ano tem como objetivo pôr o tempo em pauta, considerando-se que o homem ainda não compreendeu o ciclo da vida.

Debaixo do sol vulcânico as terras ondulam como um mar petrificado coberto de poeira, se isto já era assim há um milhão e quatrocentos mil anos não é preciso ser paleontólogo para jurar que o Homem de Orce morreu de sede, mas esses tempos eram os da juventude do mundo, o arroio que lá longe corre seria então largo e generoso rio, haveria grandes árvores, ervaçais mais altos que um homem, tudo isso aconteceu antes de ter sido colocado aqui o inferno. Na estação própria, chovendo, alguma verdura se espalhará por estes campos cor de cinza, agora as margens baixas são cultivadas a duras penas, ressecam e morrem as plantas, depois renascem e vivem, o homem é que ainda não conseguiu aprender como se repetem os ciclos, com ele é uma vez para nunca mais. (AJP, p. 86)

Durante a errância destes viajantes, Pedro Orce costumava caminhar sozinho, sendo seguido pelo cão “que tem todos os nomes e nenhum” (AJP, p. 217). Quando, enfim, as personagens se encontravam reunidas na casa de Maria Guavaira, e os casais formados, “Pedro Orce saiu de casa porque não fazia lá falta nenhuma” (AJP, p. 191) e, ao caminhar pelos montes, chegou a um “labirinto de pedras” (AJP, p.193), penetrando-o

e dele saindo com a ajuda do cão. Tinha visto o que parecia ser “pedras entre pedras” (**AJP**, p. 193) mas era um barco de pedra:

Fenômeno geológico, pela certa, Pedro Orce conhece de químicas mais do que o suficiente para a si próprio poder explicar o achado, uma antiga barca de madeira trazida pelas vagas ou deixada pelos mareantes, varada sobre estas lajes desde imemoriais tempos, depois cobriram-na as terras, mineralizou-se a matéria orgânica, outra vez as terras se retiraram, até hoje, hão-de ser precisos milhares de anos para que se apaguem os contornos e apouquem os volumes, vento, chuva, a lima do frio e do calor, um dia não se distinguirá a pedra da pedra. Pedro Orce sentou-se no fundo do barco, na posição em que está não vê mais que o céu e o mar distante, se esta nave balouçasse um pouco julgaria que ia navegando, e então, quanto podem imaginações, representou-se-lhe uma idéia absurda que seria ser verdadeiramente navegante este barco petrificado, aos pontos de ser ele que consigo arrastava a península a reboque, não se pode confiar nos delírios da fantasia, claro que não seria impossível acontecer, outras acrobacias se têm visto mais difíceis, mas dá-se o caso irônico de ter o barco a popa voltada para o mar, nenhuma embarcação que se respeite navegaria alguma vez às arrecuas. (**AJP**, p.194)

Os “delírios da fantasia” de Pedro Orce suscitam a idéia de uma conjunção entre este homem (Pedro) e o barco de pedra, porque o andaluz se encontrava reduzido à solidão, era agora “um boticário a cair da idade” (**AJP**, p.194), confortando-se apenas com a presença do cão. O narrador, após atribuir uma definição para a morte – “a suma razão de todas as coisas e sua infalível conclusão” – alerta-nos de que “Velho ou cansado já vai estando o coração de Pedro Orce”, (**AJP**, p.192), porém, este homem tão receptivo a diversas sensações caminhava em direção ao barco:

[...] o mundo está povoado de um rumor de passos, de respirações, de atritos, e agora sim, ouve-se por trás da crista o clamor surdo do mar, cada vez mais alto, cada vez mais claro, até surgir diante dos olhos a imensa superfície, vagamente faiscante sob a noite sem lua e de raras estrelas, e em baixo, como a linha viva que separa noite e morte, a branca violenta da espuma constantemente desfeita e renovada. (**AJP**, p.192).

Pedro Orce parecia ter sentido a proximidade da morte e nem por isso se abatia ou se rebelava, era certo também que o amor não estava em seu destino, mas ao contrário do que se poderia supor, tornara-se imenso, pois respirava livre e profundamente e em seus pulmões cabia todo o oceano:

Pedro Orce mede a dimensão do oceano e nesse momento acha-o pequeno, porque ao inspirar fundo se lhe dilatam os pulmões tanto que neles poderiam entrar de golfão todos os abismos líquidos e ainda sobrar espaço para a jangada que com seus esporões de pedra vai abrindo caminho contra as vagas. Pedro Orce não sabe se é homem, se peixe. (AJP, p. 193)

A barca é o símbolo da viagem, de uma travessia realizada tanto por vivos, quanto por mortos. Neste sentido, a vida pode ser considerada uma navegação perigosa e a barca, um sinal de segurança, porque favorece a passagem pela existência. A barca dos mortos é encontrada em muitas civilizações com variantes simbólicas, mas caracterizando-se como uma viagem que se resume na busca da verdade, da paz, da imortalidade, da procura e da descoberta de um centro espiritual. Expressa um desejo de mudança interior e acarreta uma necessidade de experiências novas, mais do que puramente um deslocamento físico (Chevalier & Gheerbrant, 1991).

Assim como os enigmas da narrativa, constatamos que, a partir do vocábulo *barca*, nos deparamos com o da ilha, lugar onde se chega após navegação ou vôo e centro espiritual primordial; é um mundo em miniatura e lugar de eleição, de silêncio e de paz. Observamos que, por sua vez, um dos aspectos essenciais da navegação é a possibilidade de se atingir a paz, como nas navegações em busca das ilhas ou do Velocino de Ouro, realizadas pelos Argonautas, que são buscas do centro espiritual primeiro ou da imortalidade. Logo, barca, ilha (neste caso, o mesmo que jangada), navegação, viagem e morte são elementos interligados neste romance, tudo convergindo para a espiritualidade, para um estado de felicidade e conhecimento, que é uma meta do homem. Assim é que o sentimento de felicidade invade Pedro Orce que, outra vez guiado pelo cão, chega ao barco de pedra:

Enfim chegaram às grandes lajes que descaem para o mar, aí é ensurdecedor o estrondo da arrebentação. Sob este céu escuríssimo e os gritos do mar, se a lua agora nascesse, um homem podia morrer de felicidade, julgando que morria de angústia, de medo, de solidão. (AJP, p. 193)

A morte é o destino implacável de todos os seres vivos e somente o homem tem a consciência da própria morte. A simbologia da morte é

ambivalente, sendo aproximada aos ritos de passagem, porque é revelação e introdução. Todas as iniciações passam por uma fase de morte, antes do ingresso a uma vida nova e, “Se ela é, por si mesma, filha da noite e irmã do sono, ela possui, como sua mãe e seu irmão, o poder de regenerar” (Chevalier & Gheerbrant, 1991:621). Acreditamos ser este o destino de Pedro Orce, regenerar como a vara de negrilho, que teve o poder de escrever a história do destino individual, da solidão e da morte, mas também a história do sonho coletivo, traduzido pelo rejuvenescimento da terra. Esta vara, muito embora parecesse não mais ter grandes poderes, ao ser enterrada, reverdece.

Não nos esqueçamos do cão, que serve de elo entre as personagens extraordinárias, porque as leva ao lugar ermo e mágico, à casa de Maria Guavaira, ao fio de lã azul e à meada de esperança. Este cão não irá agora desaparecer, porque “A viagem continua” (AJP, p. 330) e, portanto, permanecerá junto a Pedro Orce, partindo em uma nova caminhada, para além deste mundo.